



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E GERAÇÃO

A SOCIEDADE E OS PAPÉIS ATRIBUÍDOS PARA HOMENS E MULHERES

SOCIETY AND ROLES ASSIGNED TO MEN AND WOMEN

Elciane Silva Gomes¹
Mariana Rocha Menezes²
Adriana Lima Barros³

RESUMO

Percorrendo a história no que diz respeito aos papéis socialmente construídos para homens e mulheres, adentramos nas relações de gênero e na construção social desses papéis. É observado que desde os primórdios da história se ensina aos seres humanos o que é ser homem e o que é ser mulher, se tornando um processo internalizado a partir do momento que se descobre o sexo biológico até o decorrer de suas vidas enquanto pertencentes a sociedade. Reforçando a manutenção desses papéis temos o patriarcado representado nas instituições de Estado, igreja, escola e família. Este estudo se pauta na identificação desses papéis atribuídos a homens e mulheres socialmente construídos nas relações de gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, explicativa e bibliográfica. Podemos constatar a tentativa de manutenção dessas funções postas a homens e mulheres por parte do patriarcado, em contrapartida temos as mulheres lutando, se impondo pela sua emancipação no meio social.

Palavras-Chaves: Sociedade, Homens e Mulheres, Papéis Sociais.

ABSTRACT

Going through history with respect to socially constructed roles for men and women, we enter into gender relations and the social construction of these roles. It is observed that since the beginning of history human beings have internalized what it is to be a man and what it is to be a woman, becoming an internalized process from the

¹ Graduanda em Serviço Social pela Faculdade Uninassau, Parnaíba-PI. E-mail: elciane-gomes@hotmail.com

² Graduada em Serviço Social pela Faculdade Uninassau, Parnaíba-PI; Estudante de pós graduação lato sensu em saúde público com ênfase em saúde mental, pela Faculdade Ademar Rosado (FAR). E-mail: marianarochamenezes@hotmail.com

³ Referências do Autor 3. Assistente Social, Mestra em Saúde da Família - RENASF pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professora na Faculdade UNINASSAU/Parnaíba-PI. E-mail: adriana.barros@gmail.com

moment that biological sex is discovered until the course of their lives as belonging to society . Reinforcing the maintenance of these roles we have the patriarchy represented in the institutions of State, church, school and family. This study is based on the identification of these roles attributed to men and women socially constructed in gender relations. It is a qualitative, explanatory and bibliographic research. We can see the attempt to maintain these roles attributed to men and women by the patriarchy, in contrast we have women fighting, imposing themselves for their emancipation in the social environment.

Keywords: Society, Men and Women, Social Roles.

INTRODUÇÃO

O estudo apresenta a construção dos papéis socialmente construídos na sociedade, elencando uma visão desde a fase embrionária, quando a cor do enxoval do bebê é determinada pelo sexo, se for homem a cor atribuída é azul se for mulher a cor atribuída é a rosa, o que passa disso, como por exemplo a inversão dessas cores é classificado como fora do comum.

O trabalho também adentra a fase da puberdade onde muitos desses papéis já estão presentes na vida dos jovens determinando seu comportamento perante a sociedade, seja na igreja, em família, na escola e até mesmo nos grupos entre eles frequentado. A visão trazida segundo os estudos é um comportamento mais retraído e cauteloso das meninas, uma vergonha atribuída a elas intencionalmente para que não se arrisquem a ultrapassar o padrão estabelecido. Já para os meninos tem um comportamento mais liberto, atribuído a uma noção de força e virilidade inabalável, fazendo com os mesmos ditem os padrões a serem obedecidos, ganham uma liberdade de andar nas ruas com uma ideia de dominação.

O texto também nos traz um comportamento de descontentamento e revolta por parte das mulheres que correm atrás de uma revolução para com esses papéis atribuídos a elas e aos homens, lutando para que os sexos não determinem sua vida, seu jeito de ser, sua liberdade enquanto cidadã e detentoras de direitos a duras penas conquistados ao longo da história.

O intuito motivacional do artigo é identificar esses papéis atribuídas a homens e mulheres perante a sociedade. Papéis esses atribuídos antes até mesmo de seus nascimentos, e determinantes na descoberta de seus sexos para uma iniciação de

instruções de comportamentos perante as entidades sociais, família, Estado, escola e igreja. Conhecer esses papéis atribuídos e seu percurso ao longo da história é primordial, para discuti-los e indagá-los.

O estudo será desenvolvido com uma apresentação histórica sobre os papéis atribuídos para homens e mulheres na sociedade. Apresentando de início uma visão religiosa acerca da temática estudada na tentativa de ir mais fundo na construção desses papéis determinados, em seguida uma demonstração dessas funções que reverberam até hoje em sociedade, em quais padrões determinados para as mulheres. Trará também uma exposição no meio desse processo enquanto homens e mulheres jovens, finalizando com ênfase na reação das mulheres a esses papéis estabelecidos a elas.

Segundo Severino (2016), trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e explicativa. A coleta de dados foi feita através de artigos que discutem a temática apresentada, analisando assim os dados que contribuem e correspondem aos objetivos da pesquisa, identificando assim os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

2 BREVE EXPLANAÇÃO HISTÓRICA DOS PAPEIS ATRIBUÍDOS

Ao longo do tempo foram criadas algumas definições para o conceito de gênero, dentre elas, relações construídas na sociedade. Mas quando se fala de gênero de acordo com suas mais variadas definições sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, considera-se o início dessas determinações e papéis sociais.

Dessa forma, faz-se necessário retomamos a história de Adão e Eva, para compreendermos sua influência na construção e na delimitação do papel do homem e da mulher em nossa cultura. Adão, no momento que prefere Eva e, conseqüentemente, desobedece a Deus, tem dele retirada a sensibilidade emotiva, o potencial da manifestação de afeto, este de foro interno e privado; desta maneira, esse assunto passa a ser proibido aos homens, e o macho deve manifestar sua função dominante sobre a terra, o sistema e a mulher, ou seja, cuidar de assuntos de foro público e notório. (SILVA, 2016, p. 04).

Segundo a menção acima, considerando as diversas definições de gênero e suas explicações à soberania do homem e submissão da mulher, tem como uma de suas origens a religião norteando essa construção de papéis sociais entre homens e mulheres com o passar do tempo considerando todos os determinantes históricos.

Ainda para SILVA (2016, p.04), “Eva se ocupa do espaço interno e privado, o campo dos sentimentos, da fragilidade, da doçura, do amor; sua responsabilidade é parir e cuidar dos filhos, do lar e do bem-estar do homem dentro desse ambiente”. Ou seja, desde os primórdios até os dias atuais são estabelecidos papéis sociais para homens e mulheres.

Para que possamos compreender as relações de gênero é necessário identificar as representações sociais baseadas pelas diferenciações de sexos biológicos, de poder e subordinação na sociedade, assim como, determinações de tarefas atribuídas a homens e a mulheres nesse meio. (SILVA, 2016).

Existem diversas perspectivas para o estudo da origem desses papéis socialmente atribuídos na sociedade com base nas relações de gênero, adentrando agora a um viés do período embrionária pode ser aprofundado o conhecimento acerca da temática.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo com a expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa a ser identificada é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir e atuar. (CABRAL; DIAZ, 1998, p. 01).

As atribuições a mulheres e homens são determinadas com cores, para mulheres a cor rosa, representa a suavidade, delicadeza, passividade, sentimentalismo e todos os brinquedos que se assemelham as mesmas como bonecas rosas, ursinhos, o meio interno representado pelo espaço de brincar sempre em casa, reforçando assim as características determinadas, para homens a cor azul representando, força, virilidade, masculinidade, insensibilidade, brinquedos pesados, agressivos, como carrinhos, bolas e sempre em um espaço externo como as ruas. Representando a liberdade ao homem e a privação da mesma a mulher.

A desigualdade de gênero, como outras formas de diferenciação social, trata-se de um fenômeno estrutural com raízes complexas e instituído social e culturalmente de tal forma, que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível e com isso é disseminada deliberadamente, ou não, por certas instituições sociais como escola, família, sistema de saúde, igreja, etc. (CABRAL; DIAZ, 1998, p. 03).

3 CONSTRUÇÕES SOCIAIS COM BASE NO SEXO MASCULINO E FEMININO

Com as relações de gênero nascem os papéis socialmente atribuídos para homens e mulheres e conseqüentemente suas desigualdades e reflexos na vida dos indivíduos desde a fase embrionária, perpassando na sua vida em sociedade, sendo reforçada por todas as entidades na qual as pessoas estão sendo sustentadas, como família, escola, igreja, e demais sistemas públicos.

Os significados são construídos através das exclusões, deve-se, portanto, reconhecê-las e assumir a responsabilidade pelas exclusões existentes no trabalho de cada um. Continuar reproduzindo o conhecimento histórico como tem sido feita, com a ausência ou subordinação das mulheres, indica uma política que naturaliza e desqualifica certas categorias e reprime certos temas, endossa e faz funcionar, por exemplo, gênero. (SCOTT,1994 apud SIQUEIRA, 2008, p. 116).

As relações de gênero são constituídas com exclusões em diversas categorias, como por exemplo no espaço de trabalho, política, dentre outros, indicando uma situação de naturalização dessa prática no que diz respeito ao papel da mulher nesse cenário, atribuindo a mesma a subordinação perante ao que lhe é atribuído.

A história torna-se elemento fundante para se entender gênero e as relações sociais no que diz respeito aos papéis dos homens e das mulheres, proporcionando assim o questionamento dessas construções sociais, como se justifica o gênero? E se explica essas posições dadas a esses sujeitos? A história contribui para o desdobramento dessas discussões. (SIQUEIRA, 2008).

Socializadas em âmbito privado, coube às mulheres a tarefa de cuidar dos filhos, dos pais, do marido, da casa de modo geral, figurando como responsáveis pela manutenção da ordem em casa, apaziguadoras de conflitos, refletindo-se esses cuidados nas atividades que assumem ao participarem dos espaços públicos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 13).

Ao adentrarmos nesse papéis construídos socialmente para homens e mulheres podemos identificar características precisas atribuídas ao sexo feminino, como agir e se portar com familiares e sociedade em geral, em seu meio privado e público. Tendo que apaziguar quaisquer questões conflituosas em seu meio.

Para mulheres, novas tarefas, sobretudo, a de procriar, de ser mãe e esposa sob as exigências do casamento monogâmico, cabendo-lhe, como imposição sumária, o espaço do lar, enquanto, ao homem, restava o trabalho desenvolvido fora do espaço doméstico. (SANTOS; OLIVEIRA 2010, p.13).

As autoras trazem nas suas perspectivas no que diz respeito aos papéis atribuídos para homens e mulheres na sociedade, demonstrando que as mulheres têm funções construídas em uma ordem, como por exemplo, filha, esposa, mãe e assim sucessivamente, e ligando esses fatos podemos trazer ao estudo a visão de Scott que fala sobre a invisibilidade da mulher que a partir de suas funções passa despercebida de sujeito mulher antes de tudo.

Para Santos e Oliveira (2010, p. 13):

A partir das condições objetivas e subjetivas dos papéis que ocupam socialmente e do modo desigual como são construídas as relações, as mulheres não possuem acesso igualitário ao trabalho, aos salários, aos bens, de maneira geral. Na educação, por exemplo, as escolas e outras instituições educadoras continuam pautando as questões referentes às mulheres no campo da reprodução do machismo, conferindo mais liberdade aos meninos do que às meninas. É também muito forte a influência religiosa cristã nos colégios, principalmente nas grandes escolas católicas, que transmitem uma ideia de mulher, mãe, cuidadora, enquadrada no modelo tradicional e conservador de família, em que o pai é o chefe que manda na mãe e nos filhos.

Com essa demonstração das funções impostas as mulheres, podemos observar esses papéis sendo determinados pelo patriarcado respaldados na religião, moldando as mulheres em casa, na escola, nas igrejas e conseqüentemente nas ruas de como devem se portar, é nessa imposição que se nota a desigualdade latente nas relações de gênero.

Esta construção social do que é ser mulher e do que é ser homem se relaciona com o sistema patriarcal, aqui entendido como um sistema de dominação masculina, com constituição e fundamentação históricas, em que o homem organiza e dirige, majoritariamente, a vida social. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 14).

A ideia construída para a subalternização da mulher se faz em uma construção histórica baseada nas relações de gênero, para a manutenção da ordem de dominação masculina, reverberando em práticas machistas conduzidas pelo patriarcado se alicerçando nas entidades de família, governo, igreja e sociedade.

De acordo com Desouza; Baldwin e Rosa (2000, p. 490):

Os papeis de gênero condizem com as interpretações tradicionais do Brasil como tendo uma cultura machista. Muitos tentaram resumir o machismo como ele aparece no mundo latino. Especialmente em termos do mundo hispânico no hemisfério ocidental, o machismo tem sido descrito como uma norma cultural que engloba todas as características que são verdadeiramente

“masculinas”. Muitos descrevem o machismo em termos de indiferença a família, distanciamento dos filhos, resistência às adversidades, assédio sexual, capacidade de beber muito, agressividade contra outros homens, dominação em relação as mulheres.

A construção desses papéis e reafirmação dos mesmos ao longo dos anos proporcionaram diversas consequências para ambos os lados, assim como a sociedade por inteiro. É notória de acordo com o estudo apresentado a manutenção do patriarcado referente aos papéis socialmente construídos, vista que o papel atribuído ao seu lado masculino, corrobora para a sua manutenção.

4 O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DESSES PAPEIS NA FASE DA PUBERDADE DOS/AS JOVENS

Quando se fala em papéis construídos socialmente para homens e mulheres desde a fase embrionária até os dias atuais, é interessante que haja a observação da fase da puberdade, como momento impar e divisor de águas para a construção do que é ser homem e do que é ser mulher para esses adolescentes. Visando isso um grupo de pesquisadores promoveram oficinas e trabalharam essas questões com os jovens.

Para Baggio et al. (2009, p. 877):

Na interação observada entre os gêneros durante as oficinas, as adolescentes/jovens demonstram, em sua maioria, um comportamento recatado, cauteloso, tímido e submisso à imagem e presença masculina. Assim, na correlação entre o feminino e o masculino, entende-se que o homem pode expor-se, enquanto a mulher não é livre para este comportamento, para expressar suas ideias, sendo submissa à figura masculina, que tem a posse e o controle do sexo oposto.

De acordo com as oficinas realizadas por esse grupo de pesquisadores as consequências das desigualdades nas relações de gênero são latentes, à medida que os jovens se apresentam ao grupo das oficinas, faz-se aparente os espelhos vivenciados em seu comportamento, espelhos estes que estão presentes em casa, na rua, na própria escola e sociedade de modo geral, no cotidiano por eles vividos.

5 AS CONSEQUÊNCIAS DOS PAPEIS ATRIBUÍDOS SE REVERBERAM NA VIDA ADULTA

A mulher torna-se adulta e assume novos papéis na sociedade contemporânea. No entanto, verifica-se que ao mesmo tempo em que há um grande número de transformações, como resultado de novas crenças, valores

tradicionais permanecem estruturando a relação homens mulheres na sociedade e na família, e continuam sendo transmitidos de pais para filhos. (Baggio et al., 2009, p. 873).

Com base na menção acima as mulheres se posicionam a novos papéis, entretanto os papéis socialmente construídos ao longo da história ainda se fazem presente no seio contemporâneo, como espelhos refletindo de avós para pais e de pais para filhos estruturando as relações de gênero no meio social.

[...]os seus efeitos estão presentes até hoje. Isto significa existir um descontentamento com o passado, uma análise depreciativa de como as mulheres eram criadas, da sua submissão, dos limites estreitos impostos ao seu movimento dentro dos grupos sociais e às possibilidades de escolha profissional. Todos esses aspectos, aparecem na discussão, quer de grupos feministas quer de outros que passam a enfatizar o excesso de trabalho que recai sobre a mulher que, agora, mantém atividades fora do lar, mas ainda é responsável pelo bom andamento da casa, dos filhos e do bem-estar do marido. É como se um caldeirão estivesse no fogo, pronto para entrar em ebulição a qualquer momento. (ALVES, 2000, p. 237).

Os papéis foram construídos socialmente, determinaram as funções do homem e da mulher, entretanto, as mulheres expressam seu descontentamento e discutem em grupos todas as questões e consequências que englobam a discussão de gênero, onde a categoria trabalho é um assunto permanentemente discutido em suas diversas dimensões desde conceito a questões salariais.

Segundo Santos e Oliveira (2010, p. 14):

Compreende-se que o processo de luta, que objetiva o fim da opressão (dominação-exploração) das mulheres, está além de colocá-las em situação de igualdade de oportunidade com o gênero masculino. Trata-se de estabelecer relações sociais fundadas na igualdade substantiva. E neste sentido, tem sido fértil a interlocução entre algumas vertentes do movimento feminista com sujeitos coletivos que atuam na organização da classe trabalhadora por meio de sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais e outros sujeitos coletivos.

Levando em consideração todo os papéis atribuídos as mulheres ao longo do tempo, é notória a sua resistência perante os mesmos, apesar das informações apresentadas constatarem a permanência desses papéis, também nos mostram a luta das mulheres por sua emancipação econômica, política e social.

Afirmar a existência de uma diferença que estrutura o comportamento das mulheres leva a um tipo de discurso que pode ser apropriado pelo antifeminismo, contribuindo para a apresentar a posição subalterna das mulheres na sociedade como um efeito de suas escolhas autônomas. De

alguma maneira, permite a atualização da velha percepção de que as posições de homens e mulheres refletem não a dominação, mas pretensas inclinações naturais diversas de um e outros sexos. Esse é um risco presente nas abordagens maternalistas. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 75).

Em contrapartida a organização das mulheres no descontentamento dos papéis construídos socialmente, está o patriarcado se utilizando de explicações autorais para manutenção de sua dominação e exploração.

Para Miguel e Birolí (2014, p.76) “A aposta radical das vertentes mais avançadas do feminismo é na desestabilização de qualquer relação fixa entre o sexo biológico e os comportamentos, preferências e papéis sociais”. Ou seja, o movimento feminista, tem como uma de suas vertentes desconstruir os papéis sociais construídos na sociedade para homens e mulheres, em busca da emancipação feminina.

Para antifeministas não existe gênero e deve ser respeitado os sexos biológicos, mas para as feministas o sexo biológico não é levado em consideração e sim o gênero, já que mesmo com a existência dos sexos sua diferenciação é uma construção cultural, ou seja, gênero. (MIGUEL; BIROLI, 2014).

De fato, o feminismo tem enfrentado historicamente todas as correntes que buscam estabelecer um embasamento científico para a ideia de que o comportamento de homens e mulheres é determinado pela natureza, desde a psicanálise até as correntes mais contemporâneas da sociobiologia. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 80).

Quando o patriarcado é contrariado, as mulheres desafiam o que foi instituído a elas e resolvem se organizar para discutir, resistir e lutar por sua emancipação, já o primeiro se utiliza de artifícios de naturalização desses papéis construídos socialmente na tentativa de desestimular os grupos dessas mulheres, para que haja a manutenção de seus papéis.

6 CONCLUSÃO

Ao longo do estudo podemos observar que desde a fase embrionária e descobrimento do sexo do bebê por parte da família, há uma construção de papéis sociais para o sexo feminino e masculino, atribuindo a cor rosa para menina e azul para o menino, o bebê a partir desse momento passa a ser construído socialmente.

Já na puberdade há toda a reprodução desses papéis, onde os jovens se espelham em seus pais e familiares reverberando o comportamento no meio social,

onde o mesmo é reafirmado pelo Estado, igreja e escola, refletindo, assim, na socialização desses adolescentes, meninas mais “recatadas” e pertencentes ao lar e meninos livres e pertencentes as ruas.

A partir do momento em que há uma reflexão sobre o papel do homem e o papel da mulher ao longo da história até os dias atuais, inicia-se uma luta por parte das mulheres para a desconstrução desses papéis sociais e para que ganhem novos espaços perante a sociedade.

Os papéis determinados pelo patriarcado e reforçado pela religião desde os primórdios ainda existem até hoje e lutam para reafirmar a todo momento a dominação, exploração e subalternização da mulher.

Os antifeministas tentam a todo momento deslegitimar o movimento feminista criando estereótipos para as mulheres com a intenção de desacreditar o movimento, em pró da manutenção dessa ordem social que oprime e subalterniza as pessoas que não vivem seus padrões impostos.

O patriarcado quer naturalizar, a invisibilidade feminina, legitimando que o espaço da mulher é cuidar, do lar, do marido, dos filhos, de todos menos dela mesma. Enquanto ao homem, forte, viril e provedor da família se torna o ser mais importante socialmente.

O feminismo ao longo da história ganhou muitas batalhas e continua lutando até os dias atuais em busca da verdadeira emancipação da mulher como ato político e igualitário. Desconstruindo, assim, todos os papéis atribuídos aos homens e as mulheres determinados pelo sexo, lutando pelo desligamento entre sexo e relações de gênero, elementos diferentes entre si.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. **Continuidades e Rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.16, n. 3, p. 233-239, set/dez. 2000.

BAGGIO, Maria Aparecida et al. **O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia**. Esc Anna Nery Ver. Enferm, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 872-878, out/dez. 2009.

CABRAL, Francisco; DIAZ, Margarita. **Relações de gênero**. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, p. 142-150, 1998.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. **A construção dos papéis sexuais femininos**. Psicologia: reflexão e crítica, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014.
SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços**. Katál, Florianópolis, v.13, n. 1, p. 11-19, jan/jun. 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Carla da. **A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero**. Disponível em: <
<https://docplayer.com.br/2729680-A-desigualdade-imposta-pelos-papeis-de-homem-e-mulher-uma-possibilidade-de-construcao-da-igualdade-de-genero.html>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2020.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero**. Ártemis, v. 8, p. 110- 117, jun. 2008.